

Memórias de um holocausto

Victor Silva dos Santos

DOI: [10.47573/aya.5379.2.68.33](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.68.33)

RESUMO

O presente estudo se desenvolveu através de uma pesquisas de referências bibliográficas, através de referencial teórico em livros e artigos científicos já publicados, na plataforma SCIELO, a partir da abordagem qualitativa, na área de História, com ênfase em relatos sobre o Holocausto, sendo utilizada a referência de Metodologia do Trabalho Científico e objetivando o crescimento do conhecimento e a interpretação dos relatos das experiências vividas nesse período, as quais levam a uma jornada que passa pelos retratos que o cinema criou, pela literatura ficcional, pelos diários, por vários monumentos espalhados ao redor do mundo em homenagem às vítimas.

Palavras-chave: segunda guerra. memória. sobrevivência.

INTRODUÇÃO

Décadas depois do fim da Segunda Guerra ainda se discute sobre o Holocausto. Se as memórias das vítimas são confiáveis; se seus depoimentos contam o que viram, o que sentiram ou o que lhes foi narrado; é questionado se o horror sem limites pode ser narrado; enfim, historiadores sabem que a memória trai, e percebe-se que quem sofreu tem o direito de lembrar. Do embate entre História e Memória salta um texto, pungente e necessário.

O objetivo geral deste trabalho é verificar os relatos sobre experiências ocorridas no período do Holocausto. E os objetivos específicos se compreendem em: a) refletir sobre a valorização da vida; e, b) analisar as implicações das experiências vividas nesse período de horror.

O desenvolvimento da pesquisa referente a este estudo, foi a partir do viés qualitativo. Para sua realização, foram consultadas referências bibliográficas da área de História e Metodologia do Trabalho Científico. O estudo foi realizado por meio de uma revisão de literatura considerando a relevância do tema e melhor compreensão, o desenvolvimento da pesquisa sendo elaborado a partir de registros, análise e organização de dados bibliográficos, instrumentos que permitiram uma maior compreensão e interpretação crítica das fontes obtidas. As palavras chaves utilizadas foram: Segunda Guerra, memória e sobrevivência, e a seleção do referencial foi realizada no portal da Biblioteca Virtual Pearson e na seguinte base de dados: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), revistas e livros.

HOLOCAUSTO

Segundo Guterman (2020), em dezembro de 2018, a emissora norte-americana CNN divulgou uma pesquisa estarrecedora. Realizado na Europa, o levantamento mostrou que um terço dos sete mil entrevistados sabia muito pouco ou quase nada a respeito do Holocausto - o assassinato sistemático de cerca de 6 milhões de judeus pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Um em cada 20 entrevistados simplesmente nunca ouvira falar do Holocausto. Na Áustria, terra natal do ditador nazista Adolf Hitler, 40% disseram ter pouco conhecimento do assunto. E um terço dos europeus afirmou que eventos destinados a relembrar o Holocausto se prestam a desviar a atenção de atrocidades atuais, a seu ver mais importantes.

Os desafios que o holocausto coloca para a compreensão humana, inclusive para a moderna justiça criminal, permitiram a atribuição do status de vítima a todos os judeus, como a carta de Arendt para Jaspers, de 1946, ilustra:

Sua definição da política nazista como criminosa... a mim parece questionável. Os crimes do nazismo, na minha opinião, fulminam os limites do direito; e é exatamente isso que os torna monstruosos. Para esses crimes, não há punição que seja suficientemente severa [...]. Essa culpa, contrariamente a toda culpa penal, supera e destrói todo e qualquer sistema jurídico... nós simplesmente não temos instrumentos para lidar (no plano humano ou político) com uma culpa que está além do crime e uma inocência que está além da bondade ou da virtude. Não sei como resolveremos isso, pois os alemães estão agora sobrecarregados com milhares, dezenas, centenas de milhares de pessoas que não podem ser adequadamente punidas dentro do sistema jurídico; e nós, judeus, estamos sobrecarregados com milhões de inocentes, e é por isso que todo judeu vivo hoje pode se ver como a inocência personificada (*apud* Kohler e Saner, 1993, p. 52).

ADOLF HITLER

De acordo com Rees (2018), em setembro de 1919, Adolf Hitler escreveu uma carta de imensa importância histórica. Na época, porém, ninguém lhe atribuiu essa relevância. O Adolf Hitler que havia escrito esse documento era um zé-ninguém. Aos 30 anos de idade, não tinha casa, carreira, esposa ou namorada, nem mesmo um amigo íntimo de qualquer tipo. Tudo o que podia lembrar era uma vida cheia de sonhos frustrados.

Quis ser um pintor famoso, mas foi rejeitado pelo establishment artístico; almejou um papel na vitória alemã sobre os Aliados na Primeira Guerra Mundial, mas só conseguiu assistir à humilhante derrota das forças alemãs, em novembro de 1918. Estava amargurado, indignado e à procura de alguém em quem pôr a culpa. Nessa carta, datada de 16 de setembro de 1919 e dirigida a um colega soldado chamado Adolf Gemlich, Hitler aponta de modo inequívoco quem ele julga responsável não só por sua difícil situação pessoal, mas pelo sofrimento de toda a nação alemã.

“Existe, vivendo entre nós”, escreveu Hitler, “uma raça não alemã, estrangeira, que não se dispõe e não é capaz de abrir mão de suas características [...] E que mesmo assim desfruta de todos os direitos políticos de que nós dispomos [...] Tudo o que leva os homens a se esforçarem para obter coisas mais elevadas, como a religião, o socialismo ou a democracia, é para ele apenas um meio para um fim, para satisfazer sua cobiça por dinheiro e poder. Suas atividades produzem uma tuberculose racial entre as nações” (REES, 2018, p.8).

O adversário que Hitler identificara era “o judeu”. E acrescentava que o “objetivo final” de qualquer governo alemão deveria ser “a remoção intransigente de todos os judeus”. É um documento excepcional. Não só porque permite vislumbrar como pensava, em 1919, o homem que mais tarde iria instigar o Holocausto, mas também porque é a primeira evidência irrefutável das crenças antissemitas do próprio Hitler. Em sua autobiografia, *Minha luta* (Mein Kampf), que ele escreveria cinco anos mais tarde, Hitler afirma odiar os judeus desde quando batalhava para se tornar pintor em Viena nos primeiros anos do século XX. Mas alguns estudiosos lançaram dúvidas sobre essa sua versão simplista do próprio passado, e questionaram se ele de fato teria sustentado essas visões fortemente antissemitas em seu período em Viena e quando serviu como soldado na Primeira Guerra Mundial. (REES, 2018).

PACTO DE MUNIQUE

Relata Karcer (2014), que a vida mudara drasticamente para a sua família e todos os judeus que viviam em Praga, desde que o exército nazista havia ocupado a cidade, em 15 de março de 1939. Houve uma época em que andar pela rua era divertido e ir ao centro da cidade, uma aventura. Mas esse tempo, parecia um passado muito distante. Quatro anos antes, o Pacto de Munique, havia sido assinado, entregando a parte ocidental da Tchecoslováquia para a Alemanha e o partido Nazista, que estava no comando e era liderado por Adolf Hitler.

Apesar do pacto, a guerra na Europa havia começado em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia, a nordeste da Tchecoslováquia. Hitler era um líder brutal e sem coração, que odiava os judeus e queria puni-los por tudo de ruim que havia acontecido ao povo alemão. Os judeus estavam sendo falsamente acusados pelos negócios que iam mal, pela pobreza e pela falta de empregos.

Os nazistas separaram um lugar para os judeus de Praga e outras cidades. “É uma pequena cidade cercada por um muro, onde nós, judeus, podemos viver separadamente de todo o resto do mundo” (KARCER, 2014, p.14).

CITAÇÕES DE SCHLOSS (2013)

Em seu aniversário de quinze anos, Eva é enviada para Auschwitz. Sua sobrevivência depende da sorte, da sua própria determinação e do amor de sua mãe, Fritzi. Quando Auschwitz é extinto, mãe e filha iniciam a longa jornada de volta para casa. Elas procuram desesperadamente pelo pai e pelo irmão de Eva, de quem haviam se separado. A notícia veio alguns meses depois: tragicamente, os dois foram mortos.

Este é um depoimento honesto e doloroso de uma pessoa que sobreviveu ao Holocausto. As lembranças e descrições de Eva são sensíveis e vívidas, e seu relato traz o horror para tão perto quanto poderia estar. Mas também traz a luta de Eva para viver carregando o peso de seu terrível passado, ao mesmo tempo em que inspira e motiva pessoas com sua mensagem de perseverança e de respeito ao próximo – e ainda dá continuidade ao trabalho de seu padrasto Otto, pai de Anne Frank, garantindo que o legado de Anne nunca seja esquecido.

“(…) Se você era um jovem, ambicioso e judeu na virada do século XX, havia apenas um lugar onde poderia estar: Viena.” (SCHLOSS, 2013, p.1).

(…) Até o final da 1ª Guerra Mundial, Viena era considerada a joia da coroa dos Hapsburg, a sede do grandioso e imponente Império Austro-Húngaro, que se estendia da Ucrânia e da Polônia até a Áustria, Hungria e Sarajevo, na região dos Bálcãs. No período pré-guerra, Viena era uma potência comercial e cultural; os negócios eram impulsionados pelo comércio no rio Danúbio, enquanto compositores como Gustav Mahler, escritores como Arthur Schnitzler e médicos como Sigmund Freud iluminavam as ruas, as casas de shows e os cafés com novas ideias. (p.1)

Infância:

“(…) Eu era uma menina teimosa de cabelo loiro e liso, e vivia com o queixo empinado em sinal de determinação.” (p. 6)

Os nazistas estão chegando

(...) Enquanto a Viena rica se reunia em cafeterias para discutir ideias, a Viena pobre procurava por “ambientes aquecidos”, para se proteger do frio, ler jornais, se manter informada e tomar uma tigela de sopa. Esses jornais mostravam-lhes que seus problemas tinham uma única causa - os judeus. (p.15)

Uma garota indesejável

(...) Até hoje, a memória de ter sido abusada sexualmente era tão profundamente dolorosa e vergonhosa que nunca consegui falar sobre isso, mesmo tendo conversado bastante sobre experiências muito piores que vivenciamos em família. (p.24)

Amsterdã

“(...) Depois de ter sofrido um trauma em Bruxelas, eu estava encantada com a nossa casa nova - que era totalmente diferente da que havíamos deixado para trás.” (p. 29)

Anne Frank

(...) No dia em que conheci Anne, senti como se estivesse me vendo no espelho, mas com imagem contrária refletida. Eu era uma moleca de cabelo loiro, com a pele bronzeada por conta das horas em que passava brincando ao ar livre; usava roupas desgrenhadas de tanto andar de bicicleta, brincava de bolinha de gude e dava cambalhotas na praça. (p. 35)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se através de relatos, sobre como o mundo construiu a memória a respeito deste, que é o maior crime já cometido em sua História. Pois a escolha do próprio termo “Holocausto” tem implicações importantes, pois, significa aceitar um viés religioso acerca do massacre, já que “Holocausto” é um termo grego, “holokauston”, derivado do hebraico “olah”, que se refere à oferta de sacrifício a Deus pelo fogo.

Percebe-se que o nome “Holocausto” não se consagrou por acaso, é o termo que retira do campo da História um acontecimento para o qual não se tem uma explicação, ou talvez, para o qual a explicação seja uma tal negação da civilização e envolva tamanho colapso moral que muitos preferem não conhecê-la.

REFERÊNCIAS

GAIARSA, José Angelo. Couraça muscular do caráter. 7. ed. São Paulo. Ágora, 2019.

GUTERMAN, Marcos. Holocausto e Memória. São Paulo. Contexto, 2020.

KACER, Kathy. (1954). A guerra de Clara. 2. ed. São Paulo. Callis, 2014.

KOHLER, L.; SANER, H. 1993. Hannah Arendt/Karl Jaspers: correspondence 1926-1969. London: Harvest Book. (Carta 43)

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato: Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas. Editora Atlas S.A., 2007.

MIEP, Gies. Recordando Anne Frank: A história contada pela mulher que desafiou o nazismo escondendo a família Frank.(1940-1945).

PAIXAO, Cristiano; FRISSE, Giovanna Maria. Usos da memória: As experiências do holocausto e da ditadura no brasil. Lua Nova, São Paulo , n. 97, p. 191-212, Apr. 2016 . Available from <http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452016000100191&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Feb. 2022

REES, Laurence. O Holocausto: uma nova história. 1 ed. São Paulo. Vestígio, 2018.

SCHLOSS, Eva. Depois de Auschwitz: o emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao Holocausto. Universo dos Livros. São Paulo, 2013.